

BRASÍLIA E CEILÂNDIA

Armando Sobral
Fotos de Antonio BellucoA INCÔMODA E
ÚTIL MISÉRIA
QUE VIVE (?) AO LADO

BRASÍLIA — Ceilândia tem hoje mais de 120 mil habitantes. Sua renda *per capita* anual, comparável à das regiões mais pobres do país, é a mais baixa do Distrito Federal — Cr\$ 1 mil 485,09. Em 1975, 71% das famílias locais tiveram uma receita de menos de Cr\$ 700,00 por mês. Uma parcela de 25% atingia os Cr\$ 1 mil 400,00 e só o restante um pouco mais do que isso. A mão-de-obra ativa é constituída de pequenos comerciantes, funcionários e motoristas, 30% de biscateiros e quase a metade (47,7%) de trabalhadores da construção civil, os chamados *pedreiros* ou *camangos*.

As quatro horas da manhã, eles já estão acordados. O preço da passagem de ônibus é caro. Não podem perder a hora dos caminhões das construtoras. São, em sua grande maioria (cerca de 80%), nordestinos. Muitos vieram para Brasília antes da transferência da Capital. Saem de casa com a marmitta e uma *peixeira*. No barraco, deixam uma família de seis pessoas, em média. Vão para o Plano Piloto trabalhar na construção de viadutos e superquadras. Voltam à noite, abafados, dentro dos caminhões que chamam de "caixotes ambulantes", versão urbana do *pau de arara*. Passam no mínimo 13 horas do dia fora de casa.

Uma mulher já disse aqui para nós que espancava o filho porque o marido não a atendia sexualmente. Mandei chamar o camarada e ele me contou: "Foi é, doutor. Saio de casa às quatro da manhã para pegar o caminhão da obra. Vou pro trabalho levando a marmitta feita na véspera, geladinha. Chega lá, como aquela comida, revoltado. Não tenho dinheiro, não tenho nada. Antes de ir pro casa, passo pelo bar para tomar uma caninha. Quando chego em casa, durmo. Por isso não atendo à mulher". Foi o maior problema. Tive de trazer os dois aqui para um sermão porque notei que a coisa era meio esquisita (Evaldo Carneiro, delegado de Polícia de Ceilândia).

Aqui há casos de loucura momentânea. A gente vai ver o que é e descobre uma família passando necessidade; um sujeito ameaçado de ser posto na rua; alguém que precisa tirar uma fotografia para documento e não tem dinheiro sequer para o transporte (Maria de Lourdes Abadia de Bastos, Administradora de Ceilândia).

POUCOS, muito poucos, tiveram condições de construir casa de alvenaria. Os que conseguiram lote próprio na época da remoção e que ainda passaram adiante os direitos de propriedade — procedimento de muita frequência — vivem em barracos feitos com restos de madeira e lixo industrial. Os que chegaram depois da mudança, sublocaram parte de um terreno para construir a habitação ou simplesmente "invadiram" as cercanias da cidade. É comum encontrar-se mais de uma família em um só barraco. Hoje, em Ceilândia mais de 105 mil pessoas vivem em cerca de 12 mil barracos. Apenas 3 mil 500 famílias moram em casas de alvenaria.

O que chama muito a atenção é o aspecto da cidade: os barracos, muita sujeira, falta de urbanização, essa desolação toda. Mas isso só se resolve a longo prazo. Seria utopia querer mudar valores da noite para o dia. Seria até um desrespeito dizer que nossos valores constituem a verdade (Administradora).

A miséria é natural. Decorre dos problemas da comunidade. Vida em promiscuidade é isso: taxas de natalidade e de mortalidade elevadas, coisas comuns numa comunidade pobre como a de Ceilândia.

Os índices negativos são comuns a populações deste tipo. Não há nada de anormal (Duarte Ferreira, pediatra, Chefe do Posto de Saúde de Ceilândia).

Quando chegam do trabalho é muito frequente não encontrarem água. Alguns compraram um carrinho de madeira (o preço varia de Cr\$ 50,00 a Cr\$ 200,00) para facilitar o trabalho da mulher e dos filhos no carregamento das latas. Mas às vezes falta água até para cozinhar. Em agosto/setembro, época da seca, os 14 poços artesanais distribuídos pela cidade não têm pressão suficiente para trazer a água até a superfície. Vêm-se



Os credos proliferam. Existem mais de 50 — nem sempre muito ouvidos.

De madrugada, os caminhões das construtoras viajam os pouco mais de 30 quilômetros que separam Brasília (o Plano Piloto) de Ceilândia. Vão buscar mão-de-obra — única oferta dessa imensa favela de mais de 120 mil pessoas sem hospitais, sem escolas, sem alimentos e até sem água. Ao anoitecer, essa força de trabalho sempre disponível e cada dia mais barata é expulsa das avenidas e superquadras da cidade que há 16 anos constrói. Nesta, contrariando o sonho de seus idealizadores, não há lugar para o empreiteiro e o pedreiro, um marginal que anda 70 quilômetros por dia sem sair do seu gueto encravado no cerrado.



A presença esporádica de verduras não desmente: há 10% de desnutridos

São 12 mil barracos, "muita sujeira, falta de urbanização, essa desolação toda"

filas enormes — mulheres, velhos, crianças — na frente das bicas. Quando a situação se agrava, cinco caminhões-tanque providenciados pelo Serviço Social circulam pelas ruas abastecendo tonéis. Se trazido de Cagatinga, em carros, o tonel de água é vendido a preços que chegam a Cr\$ 30,00.

Há muita quadra aqui que não tem água há muito tempo. A gente pede sempre ao santo *prá* não deixar faltar água no terreiro. As vezes vem, mas depois de dois dias na lata fica suja, com lodo. Por isso as pessoas vivem doentes. Banho, a gente passa dois, três dias, até mais sem tomar. Por isso somos obrigados a viver nessa sujeira. Lá na Vila do IAPI não tinha disso (Francisco Elieário, o pai-de-santo Chico da Macumba).

Outro dia foram buscar água numa torneira e o dono não deixou que tirassem. Quebraram tudo. Ora, eu acho que faria o mesmo, se estivesse na situação em que se encontram muitas famílias por aqui. É uma questão de sobrevivência (Frei Cirino João Primon, da ordem dos Capuchinhos, responsável pela paróquia de Ceilândia Norte).

Os filhos, sempre doentes, nascem e morrem com uma facilidade alarmante. Em cada mil crianças nascidas vivas em 1973, 113 morreram. Dos óbitos registrados em Ceilândia em 1975 (9,5 pessoas em cada mil habitantes), 65% situam-se na faixa de zero a cinco anos de idade. Mortes geralmente provocadas por diarreias infecciosas, peneumopias, problemas perinatais e tuberculose. Existem mais de 10% de desnutridos de segundo e terceiro graus, entre menores de 14 anos. Mais de um terço (38%) dos falecimentos de Ceilândia são causados por doenças contagiosas. Se se incluir a pneumonia, esse percentual atinge 50%. No segundo semestre de 1974, quando uma epidemia de meningite ameaçou se alastrar pelo país, em Ceilândia morreram 326 crianças, quase 30% do total das mortes provocadas pela doença em todo o Distrito Federal (1 142).

O pessoal aqui é todo subnutrido. Faz pena. Você já entrou num desses barracos por aí? Você viu como eles vivem? As vezes não têm água nem para fazer comida (o delegado).

Mas você tem de levar em conta que a população tem uma renda muito baixa e uma família, em média, de 6,2 pessoas. A partir disso, se encadeia tudo: desnutrição, mortalidade etc. é a própria pobreza que gera esse estado de coisas (Administradora).

OS levantamentos oficiais admitem que 30% das mortes poderiam ser evitados se houvesse saneamento básico. Apesar de passados quase três anos dessa constatação, praticamente nada foi feito nesse sentido. Em Ceilândia não há esgoto, não existem árvores e nos dias de ventania a poeira se torna insuportável.

A gravidade das estatísticas nem de longe correspondem aos serviços e recursos disponíveis. Para fazer frente a todos esses males, a Fundação Hospitalar do Distrito Federal tem em Ceilândia apenas um posto de saúde, onde trabalham oito médicos, dois dentistas e quatro enfermeiros. Não há um único leito. Menos da metade das 6 mil mulheres gestantes que Ceilândia apresenta por ano consegue ser atendida no posto. Os partos e a maioria das consultas têm de ser realizados em outros hospitais. O mais próximo fica em Taguatinga. Somando-se a população desta cidade com a de Ceilândia, onde não existe atendimento do INPS, extrai-se uma média de 0,7 leito por grupo de mil habitantes.

No Plano Piloto, as condições sanitárias, educacionais etc, formam uma realidade. Ceilândia é outra realidade, é uma espécie de Brasil pequeno, de Brasil pobre. É lógico que os recursos tinham de estar no Plano Piloto. Ele foi idealizado para ter uma população "x" e a população que mora lá é essa população.

Não se pode comparar o Plano Piloto com Ceilândia. O Plano seria um país desenvolvido; Ceilândia um país subdesenvolvido. Num país desenvolvido, as mortes ocorrem por acidentes de trânsito, câncer etc. Num país sub-

desenvolvido, ocorrem por doenças evitáveis (o chefe do posto de saúde).

Há dias escrevi uma carta às autoridades, lembrando que já é hora de deixar de construir viadutos e de asfaltar o cerrado, onde não há sequer moscas. O que se deve é cuidar da pessoa humana. Trata-se de mais de 120 mil pessoas que precisam viver. Somos brasileiros também. Estão crescendo aqui dezenas de milhares de crianças que, se não tiverem assistência sanitária, de higiene, de alimentação, ninguém sabe o que será delas mais tarde (o pároco).

Não há abandono. O que há é morosidade na burocracia, na liberação de recursos. Estamos aguardando o detalhamento de um projeto de instalação dos equipamentos comunitários que estão faltando: um hospital, outra delegacia, mais escolas. Não existia policiamento ostensivo, mas este ano conseguimos trazer o 2.º Batalhão da Polícia Militar. Conseguimos também que a Companhia de Eletricidade de Brasília instalasse aqui um posto, evitando que 17 mil pessoas se deslocassem todo mês para pagar conta de luz em Taguatinga. Trouxemos o posto da Inspetoria Fiscal de Arrecadação da Secretaria de Finanças, justamente para a turma não precisar pagar as taxas fora daqui. Estão para vir a Terracap, o INPS, a Companhia de Águas e Esgotos e um banco. Há uma preocupação muito grande por parte das autoridades (a Administradora).

ALÉM do posto de saúde, existe um centro do Serviço Social da Indústria — Sesi — onde trabalham 27 pessoas, entre médicos, dentistas e enfermeiros. Além disso, há apenas algumas instituições de caridade — entre as quais se destaca a Casa do Candango — um Centro de Desenvolvimento Social e dois centros Integrados de Atenção ao Menor — CIAM — um deles em fase de construção. Atuam também o Programa de Nutrição e Saúde e a merenda escolar distribuída pelo INAN em alguns estabelecimentos da rede de ensino. Com o agravamento da situação, o INAN passou a distribuir mensalmente, aos grupos mais "vulneráveis", rações de leite em pó, fubá, fécula e açúcar, representando 35% do consumo de calorias consideradas essenciais ao organismo humano. Mas a iniciativa atinge apenas um terço desses grupos, compostos por gestantes e crianças na faixa de um a seis anos.

Não concordamos com o paternalismo; essa coisa de dar só porque eles são pobres. Eles têm de ser agentes do seu próprio desenvolvimento, têm de decidir se querem ou não o desenvolvimento social, humano, integral. O nosso papel é dar a pontinha da corda para a turma subir. O Governo faz a sua parte e a população a sua (a Administradora).

No tempo do finado Juscelino, no tempo do Garrastazu, era melhor. Eu não tenho cinema de falar. Sou brasileiro e não sou comunista. Não temos sentido a alegria que já tivemos aqui nesta terra de Brasília. A gente sente é mais sofrimento. Quando mudamos *pra cá* diziam que a gente teria isso, asfalto e aquilo. A gente vive na poeira, não dorme direito e precisa tomar remédio, sem ter dinheiro (o pai de santo).

Talvez se o pessoal não tivesse mandado os *sputniks*, os problemas de saúde, saneamento e escola de todo o mundo já estivessem resolvidos. Quem é o culpado? É o sistema político? É a ideologia de um indivíduo? Será que o *sputnik* não vai trazer mais benefícios do que o fornecimento de comida? Ninguém sabe. É uma aventura. É um caso parecido com o de Juscelino. Ele foi combatido, foi chamado de faraó. E se não tivesse construído Brasília? Será que a construção de Brasília trouxe alguma vantagem? Lógico que trouxe. Desenvolveu o Brasil inteiro. Por isso, quando perguntam se o Governador poderia estar fazendo mais por Ceilândia, digo que ele está muito certo (o chefe do posto de saúde).

Há cerca de 30 mil estudantes nos 17 centros de ensino de Ceilândia. A grande maioria cursa o primeiro grau. Uma pequena parcela de adultos está matriculada nas primeiras fases do supletivo, à noite. Mesmo com as es-



De cada mil crianças nascidas vivas em 1973, 118 já morreram

GÊNESE DO PESADELO

Sem poder comprar um lote de terra na área do Plano Piloto, os candangos que chegavam — principalmente do Nordeste — para construir Brasília foram se aglomerando em torno de um antigo hospital de madeira pertencente ao extinto IAPI. Ali, tinham água em cisterna e contavam com algumas facilidades de transporte e de abastecimento: estavam às margens da Rodovia Brasília-Belo Horizonte e perto da feira da Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante).

As "invasões", como começaram a ser chamadas as favelas, passaram a se constituir, aos olhos das autoridades, "um feio car-

tão de visitas". As notícias de crime chocavam os habitantes do Plano Piloto, o anel sanitário de Brasília, estava sendo poluído. Pensou-se então na remoção e Ceilândia nasceu, de uma sigla: CEI — Campanha de Erradicação das Invasões, promovida pela Sra Vera de Almeida Silveira em 1971, quando seu marido, Hélio Prates da Silveira, era Governador do Distrito Federal. A campanha, sob o slogan "A cidade é uma só", escolheu, como novo local de moradia dos favelados, uma área de 13 quilômetros quadrados, perto de Taguatinga e a 35 quilômetros do Plano Piloto, em terras antes destinadas a instalações dos Ministérios do Exército, da Aeronáutica e das Comunicações.

A população das "invasões" esboçou uma reação à ideia. Houve necessidade de um trabalho de convencimento, por parte de órgãos de assistência social. Fez-se um levantamento entre os moradores, para

saber de suas reivindicações. A resposta indicaram que desejavam, em primeiro lugar, lotes próprios. Depois da propriedade de terrenos, queriam escolas para os filhos, transporte para o trabalho, água, luz e casas de alvenaria. Tudo lhes foi prometido. A remoção durou 11 meses. O primeiro problema que se apresentou aos promotores da mudança foi a redução da área a ser ocupada. Na última hora, o Ministério do Exército deixou de entregar parte do terreno a ser liberado. Houve uma redução de 5 mil lotes (10 x 25 metros, cada um). O pedaço de terra que seria de uma família, passou a ser de duas. O número crescente de novos candangos frustrou ainda mais as previsões dos responsáveis pela campanha. Já em 1971, o censo constatou a presença de mais de 100 mil pessoas e na Ceilândia, dividindo a aridez, distando do mercado de trabalho e total ausência de infra-estrutura.



As vezes falta água até para cozinhar. "Banho? A gente passa até três dias sem tomar".

colas funcionando em três ou até quatro turnos, o número de crianças em idade escolar não matriculadas já é superior a três mil. A taxa de evasão escolar é significativa: dos 12 mil alunos matriculados na primeira série apenas 3 mil alcançam a oitava. De segundo grau existe apenas uma escola, em horário noturno, com 645 alunos.

Na área do comércio predominam as pequenas vendas, armazéns e os botequins. Uma feira livre funciona nos fins de semana, basicamente com produtos hortigranjeiros, tecidos e utensílios domésticos baratos. Na falta de outros meios, o lazer se limita aos aparelhos de televisão comprados por meio de créditos com prestações a perder de vista, ao único cinema e às peladas dos terrenos baldios. Uma loja da loteria esportiva contribui para alimentar as esperanças de uma vida melhor e para reduzir ainda mais o apertado orçamento doméstico.

OS credos proliferam. Existem mais de 50 deles, a começar pela macumba — umbanda e quimbanda — disputando o dizimo dos *candangos*. A cachaca leva outro tanto.

A nossa religião é uma verdade, é um caminho. A nossa umbanda é tão pura que a gente a compara com o sofrimento de Cristo. A gente vive nossa religião como parte do nosso sofrimento. Quando a gente está com fome, grita o nome de Deus e diz "Quero pão" (o pai-de-santo).

Causa-me admiração a paciência deste povo. Creio que se fosse em outro lugar ele já se teria revoltado. Admira-me como ele enfrenta as dificuldades, dia após dia, sem se queixar, conservando a fé (o pároco).

As vezes eles extravasam. Por exemplo, agora, com a falta d'água, xingam, ameaçam quebrar. Mas é muito natural, nada organizado. É aquela coisa: são um povo sofrido, mas têm uma esperança tremenda de que as coisas vão melhorar e isso alimenta muito. A esperança contrabalança a angústia da pobreza, da miséria (a Administradora).

A maioria passa pelo botequim antes de ir para casa. Um gole a mais e o desespero transborda. Os homicídios assumem o primeiro lugar nos registros da Delegacia — até a semana passada, somente estão a sete furtos, geralmente de gêneros alimentícios, em terceiro. No ano passado, matou-se, em Ceilândia, por um lugar na fila d'água.